

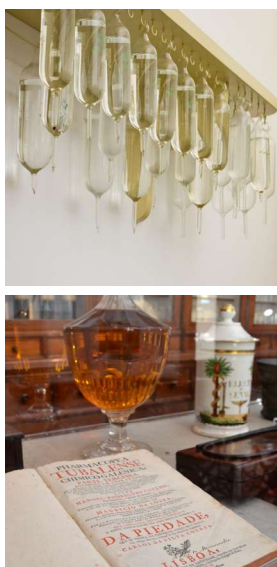


Museu do Centro Hospitalar do Porto

**Onde a história da
Medicina e Farmácia
se funde com a da
cidade do Porto**



Inaugurou há menos de três anos e desde então já guiou milhares de pessoas numa autêntica viagem aos séculos XIX e XX e às técnicas e progressos nas áreas da Farmácia e da Medicina verificadas neste período. Para além da recriação da Botica do Hospital Real de Santo António e da Farmácia de Oficina do Hospital Joaquim Urbano, o Museu do Centro Hospitalar do Porto é complementado por vitrines dedicadas às diferentes especialidades médicas, espalhadas pelos diferentes pisos do hospital. Caso não tenha tido já a oportunidade de visitar este espaço, ainda vai a tempo. São muitos os motivos para o fazer.



Na fachada neoclássica do edifício do Hospital de Santo António, actualmente classificado como Monumento Nacional, encontramos a porta que dá acesso ao Museu do Centro Hospitalar do Porto (MCHP), que inaugurou em 2013 e desde então já deu a conhecer o seu espólio a mais de dez mil visitantes. Tal como as infraestruturas, que remontam a 1799, o seu conteúdo é histórico, proporcionando uma viagem no tempo pelas práticas e técnicas de intervenção das Ciências da Saúde de âmbito médico e farmacêutico, nos séculos XIX e XX. Como nos explicou a museóloga, Sónia Faria, o MCHP “tem como vocação celebrar e promover as origens e raízes das suas unidades hospitalares, bem como preservar e valorizar o seu património cultural”. “Abrangendo milhares de artefactos, o seu acervo é constituído em grande parte por instrumentos de carácter Médico-Cirúrgico, Laboratorial, de Imagem e de Farmácia, incluindo diversos utensílios de apoio hospitalar”, referiu a responsável, acrescentando que “contempla ainda colecções de Pintura, Mobiliário, Escultura e Fotografia”. Na óptica de Sónia Faria, quem passa pelo museu “percepciona um património global, e não só de um hospital”, mergulhando na “herança cultural da Cidade do Porto”. O museu “contextualiza o legado das doenças por épocas, das patologias curáveis às epidemias próprias do tecido urbano onde o Museu se insere”, concretizou.

A origem deste projecto remonta a janeiro de 2007, “altura em que foi feito um levantamento exaustivo do património cultural e científico existente no Hospital de Santo António”. Em setembro do mesmo ano, o acervo foi reforçado pelas colecções do Hospital Maria Pia e da Maternidade Júlio Dinis, em março de 2011 pelo espólio do Hospital Joaquim Urbano, e em maio de 2013 pelos bens

culturais do Centro de Genética Médica Doutor Jacinto Magalhães.

Em outubro de 2013, quando abriu ao público, o Museu surpreendeu com a extensa requalificação de dois notáveis espaços: a Botica oitocentista do Hospital Real de Santo António (musealizada *in situ*) e a recriação da Farmácia de Oficina do Hospital Joaquim Urbano. Para além destas alas principais, várias vitrines distribuídas pelas distintas áreas hospitalares complementam o rico espólio do MCHP, recuperando elementos históricos relativos ao exercício da Medicina. Neste intervalo temporal, o museu já recebeu visitantes de 62 países, com destaque para França, Espanha, Inglaterra, Alemanha e Brasil, “assumindo-se como um espaço de aprendizagem, que visa mobilizar competências em torno dos temas da Saúde e promover uma perspectiva museológica inserida na comunidade profissional, académica e população em geral, enquanto factor de promoção de uma cidadania activa”. Integrando-se no Departamento de Ensino, Formação e Investigação (DEFI), reflecte temáticas pedagógicas específicas tais como ‘Museus para uma sociedade sustentável’ e ‘Doenças infecciosas: exemplos antigos, complicações futuras’. “Desenvolvemos uma programação de atividades educativas, científicas e culturais que visam assegurar a acessibilidade às coleções, desde visitas orientadas, oficinas de multimédia e pintura, como «O Mundo dos Micróbios» e «O Aprendiz de Boticário», e exibição de documentários”, explicou a museóloga.

BOTICA DO HOSPITAL REAL DE SANTO ANTÓNIO

Com mais de 150 anos, este espaço, também conhecido como “Sala de Público”, mantém a traça oitocentista reconstruindo as terapêuticas deste período. Um raro conjunto de armários de botica aloja elementos próprios da época, como as balanças, seringas, almofarizes e potes de farmácia, onde se guardavam os electuários, os unguentos e as pomadas. A cor dos frascos variava com a sensibilidade dos ingredientes à luz, estando os azuis destinados aos sumos medicinais e tinturas, por exemplo. Refletindo as correntes terapêuticas da época, diversos preparados e produtos medicinais eram usados pelas suas propriedades digestivas, desintoxicantes, diuréticas, cicatrizantes, expetorantes, vermífugas, antissépticas, entre outras. Aqui podem conhecer-se outros recursos interessantes como as laminárias, algas marítimas utilizadas para auxiliar na dilatação do cérvix das grávidas.

Recorde-se que no século XIX o Hospital de Santo António contava com um horto medicinal (no jardim), de onde se colhiam muitas plantas para secar, triturar e prensar, retirando-lhes os óleos. Era neste

local que funcionava a Botica e se fabricavam os remédios, não só para os pacientes do hospital, mas também para o público em geral, funcionando até à década de 70 como Farmácia da Cidade, altura em que passou a Farmácia de Ambulatório. O imponente gradeamento em ferro trabalhado da Fundação do Bolhão, uma peça única no Norte, evidencia esse papel que desempenhava, servindo para separar os boticários, que ficavam nos balcões atrás da grade, do público, sendo um elemento de destaque neste museu pela sua dimensão.

Neste primeiro espaço, encontramos também várias publicações, como a primeira “Pharmacopeia” oficial portuguesa, decretada pela rainha D. Maria I em 1794. Até ao século XIX, a transmissão dos saberes farmacêuticos era realizada através da aprendizagem nas boticas, havendo muitos relatos de doentes que “não morriam da doença mas da cura”. Este livro vinha assim regularizar e uniformizar as composições e preparações dos remédios para o reino e domínios de Portugal, pretendendo contornar esta realidade.

Na “Sala de Público” encontramos ainda, no topo dos armários, bustos de personalidades relevantes na área da Saúde, como Broussais, Carl von Linné e Esculápio. Em 1875, a Botica do Hospital Real de Santo António foi enaltecida pelo militar e historiador português Pinho Leal como uma das primeiras boticas de Portugal.

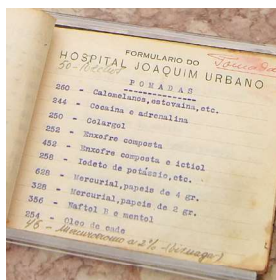
FARMÁCIA DO HOSPITAL JOAQUIM URBANO

Na segunda ala do museu deparamo-nos com uma reconstituição da Farmácia de Oficina do Hospital Joaquim Urbano, um espaço que, como explanou Sónia Faria, serve de “apelo à consciência social para os flagelos dos tempos, proporcionando uma aproximação aos objectos com efeitos educativos intangíveis”. O Hospital Joaquim Urbano foi estabelecido em 1884 como hospital provisório para coléricos no lugar de “Guelas de Pau”. Na farmácia deste hospital, especializado no tratamento e investigação das doenças infecciosas, eram “manipuladas múltiplas drogas com produção de diferentes formas farmacêuticas, destinadas especialmente ao tratamento de sucessivas catástrofes epidémicas”. Aqui pode observar-se uma fase mais evoluída da produção farmacêutica, o início da industrialização nesta área, com a presença de uma máquina que comprimia pó granulado transformando-o em comprimidos, moldes de supositório, um esmagador de rolhas e ampolas de vidro soprado. Destaca-se também nesta divisão o número de curiosas



“Quem disfruta do Museu do CHP percebe um património global, e não só de um hospital, transportamos para herança cultural da Cidade do Porto”

SÓNIA FÁRIA



“O Museu do CHP assume-se assim como um Museu de História das Ciências da Saúde e de Memória Institucional que tem como vocação celebrar e promover as origens e raízes das suas unidades hospitalares, bem como preservar e valorizar o seu património cultural”

SÓNIA FÁRIA

substâncias com potencial terapêutico conservadas em frascos, muitos com o conteúdo original, tais como raspas de ponta de veado (destinadas a infusões desparasitantes), cantáridas (besouros com poder afrodisíaco e diurético), opiáceos (como folha de coca) e cafeína (sob a forma original de pó branco). Neste espaço é ainda possível visualizar um pequeno documentário sobre a sua história, desvendando curiosidades como a denominação “Guelas de Pau”, dados biográficos da figura que deu nome ao hospital e importância da sua intervenção, e o facto de a sua base térrea ser em madeira e elevada em relação ao chão (sustentada por pedra), tornando os espaços arejados e as construções isoladas e independentes, de forma a dificultar a sua destruição pelo fogo.

VITRINES COMPLEMENTARES

A oferta do Museu é complementada por vitrines localizadas em distintas áreas hospitalares, repletas de ferramentas históricas relativas ao exercício da Medicina. Nas palavras da museóloga, “a apresentação de áreas e utensílios que descendem da primeira Escola Médica do Porto promove um novo entendimento de modernidade, do que se considerava curativo à época”. Nos pisos mais elevados do complexo hospitalar, podemos observar (para além da vista privilegiada sobre a cidade) verdadeiros objectos históricos. No espaço dedicado ao Departamento de Doenças do Sistema Nervoso e Órgãos dos Sentidos, constam instrumentos como o espéculo auricular, de otorrinolaringologia, ou o broqueiro de dentária, de estomato-

tologia e cirurgia maxilo-facial. Já na vitrine do Departamento da Mulher e da Criança, ficamos a conhecer elementos como o estetoscópio de Pinard e Pelvímeter de Collin, de obstetria, ou o aspecto ultrapassado de um ventilador, que outrora integrou o Serviço de Cuidados Intensivos Neonatais e Pediátricos. No espaço musealizado do Departamento de Anestesiologia, Cuidados Intensivos e Emergência sobressaem, por exemplo, a rudimentar Máscara de Esmarch, um artefacto em aço e fibra do século XIX, sendo possível observar a evolução para a máscara de clorofórmio de Schimmelbusch,

em aço niquelado do século XX. Noutros departamentos, como o de Medicina, deslumbramo-nos com aparelhos como a máquina de filmar Beaulieu, um endoscópio de gastroenterologia, um pacemaker e programador (de cardiologia) ou com o oftalmoscópio de Welch Allyn. Nesta visita incluem-se ainda outras vitrines onde se podem contemplar elementos de outras especialidades, como a agulha de J. Reverdin, um estojo com cânulas metálicas de cirurgia, ou até mesmo o famoso martelo de Corino de Andrade, médico cujo ímpeto foi fundamental na criação do Serviço de Neurologia do Hospital de Santo António do Porto.

UM PROJECTO EM CRESCIMENTO

O Museu insere-se num “plano mais vasto que tem a sua base na preservação, investigação, informatização e divulgação de todo o acervo do Centro Hospitalar do Porto”. Neste sentido, de acordo com a museóloga, “para além do desenvolvimento, salvaguarda e conservação das suas colecções, constituem-se como eixos de acção dar continuidade à cooperação e articulação com a Direcção-Geral do Património Cultural e a Divisão Municipal de Museus e Património Cultural da Câmara Municipal do Porto, aderindo a iniciativas culturais como o Dia Nacional dos Centros Históricos, Noite Europeia e Dia Internacional dos Museus e Jornadas Europeias do Património”. É ainda objectivo “accionar e manter parcerias criativas e protocolos institucionais com estabelecimentos de ensino e culturais, ao nível de estágios e acções de sensibilização e desenvolvimento de acções de dinamização cultural activas e diversificadas, assegurando mensalmente quatro visitas temáticas e colocando em destaque uma peça do vasto acervo institucional”.

Prevê-se ainda que o Museu – pertencendo a um dos maiores centros hospitalares e universitários portugueses – continue a evoluir para uma “ampliação da área expositiva e criação de núcleos temáticos nas distintas unidades hospitalares”. “A nossa riqueza de património, a invocar a harmonia do CHP, merece ser partilhada pois reflecte o valor material e o valor imaterial da Medicina portuense e nacional”, elucidou Luísa Lobato, diretora do Departamento de Ensino, Formação e Investigação (DEFI). Mais informação em www.museu.chporto.pt/

“A nossa riqueza de património merece ser partilhada pois reflecte o valor material e o valor imaterial da Medicina portuense e nacional”

LUÍSA LOBATO

